



Dos olhos aos olhares, de Javé a Taboquinhas, uma mesma Bahia a fabular imagens na busca por escrever livros e perpetuar memórias
(From the eyes to the views, from Javé to Taboquinhas, only one Bahia writing a fable with images in pursuit for writing books and perpetuate memories)

José de Barros Pinto Filho¹
Eva Arbat Baú²
Tiago Tombini da Silveira³

Resumo

Sugerir um dialogar, um fabular, entre o projeto “Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO2 Neutro, logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré - Serra Grande/BA” e o filme *Narradores de Javé*. Meditar sobre as imagens poéticas e fotográficas do projeto e filme, na busca de encruzilhadas e esquinas imagéticas. Assim, propomos descer um rio, desde sua nascente, adentrando a correnteza da escrita, até espriar em foz no mar.

Palavras-chave: fotografias; arte; *Narradores de Javé*; desenvolvimento local.

Abstract

Suggest a dialogue, a fable writing, between the project "Everyday views on the CO2 Neutral Tourism Certification Program: logos and writings of a transformation in the Itacaré – Serra Grande region - BA" and the film *Narradores de Javé*. Meditating on the poetic and photographic images of the program and the film, in search of imagery corners and crossroads between them. Therefore, we propose descend a river, from its source into the stream of writing, until the estuary and into the sea.

Keywords: photographs; art; *Narradores de Javé*; local development.

¹ Graduado em geografia pela Unicamp. Atualmente cursa DEA/Doctorat (Diploma de Estudos Avançados/Doutorado em Educação Ambiental), pela Universitat de Girona, Espanha. Tem experiência nas áreas de Geografia (com ênfase em Geografia Urbana) e Educação Ambiental, atuando especialmente nos seguintes temas: redes e fluxos, sistemas de movimento aeroviário, políticas públicas, desenvolvimento comunitário e planejamento socioambiental. Bolsista Fapesb - Inovação Tecnológica 3. Endereço postal: Caixa Postal 224, CEP – 45.653-970, Ilhéus-BA. E-mail: jose.barros@yahoo.com.br

² Formada em Ciências Ambientais e Mestre em Educação ambiental pela Universitat de Girona, Espanha. Experiência em elaboração e execução de projetos socioambientais trabalha como coordenadora de projetos dentro da Associação Movimento Mecenass da Vida, na APA Itacaré/Serra Grande-BA. Endereço postal: Caixa Postal 209, CEP – 45.653-970, Ilhéus-BA. E-mail: eva@mecenasdavid.org.br

³ Tecnólogo em Gestão Ambiental e Técnico na área de Hotelaria e Turismo com foco em meios de hospedagem. Na atualidade colabora com a Associação Movimento Mecenass da vida em projetos de reflorestamento e recuperação de áreas degradadas. Bolsista CNPq modalidade auxílio técnico. Endereço postal: Caixa Postal 209, CEP – 45.653-970, Ilhéus-BA. E-mail: tiago@mecenasdavid.org.br

Quando convidados a pensar, a mirar, sugerindo um dialogar, um fabular, entre o projeto “Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO₂ Neutro, logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré – Serra Grande/BA” e o filme *Narradores de Javé*, de pronto escolhemos meditar sobre as similitudes que se pode perfazer entre o filme e o projeto, que para o início, meio e fim desta escrita se concentrará muito mais na busca pelas encruzilhadas e suas dobras de esquinas, por estes pontos de encontros e desencontros, do que na busca de paralelos entre as ideias. É por meio das imagens poéticas e fotográficas, dessas esquinas imagéticas, que propomos descer um rio, desde sua nascente, adentrando a correnteza da escrita até espriar em foz no mar.

O projeto “Olhares Cotidianos...” é uma parceria entre a Associação Movimento Mecenias da Vida, a Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), a Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universitat de Girona (UdG), na Catalunha – Espanha, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Este projeto pretende desenvolver e divulgar a tecnologia socioambiental Certificação Turismo CO₂ Neutro, criada pela Associação Movimento Mecenias da Vida, através das imagens registradas pelos protagonistas desta Certificação: agricultores tradicionais, esposas e filhos/as, bem como, empresários/as locais do setor turístico.

O filme brasileiro *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé, conta a história do pequeno povoado de Javé que será submerso pelas águas de uma barragem para geração de energia. Seus moradores descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever um livro contando os fatos históricos do vale de Javé - mas só o antigo carteiro, sabe escrever. Esse filme foi usado numa das capacitações do projeto “Olhares cotidianos...” como atividade de diversão (cinema na roça) para as crianças, jovens, adultos e idosos das comunidades rurais de São Gonçalo e Prainhas/Cuiudos do Distrito de Taboquinhas – Itacaré/BA. O filme propiciou a criação de um espaço de diálogo a partir de elementos comuns com o cotidiano das famílias de agricultores dessa região, envolvendo o próprio território, bem como atividades desenvolvidas pelo projeto “Olhares Cotidianos...”, dentre os quais se destacam a importância do resgate das histórias ancestrais e dos patrimônios culturais a serem escritos num livro.

Nesse sentido, trazendo a imagem do rio que permeia e separa a vida em margens, se propõe uma grafia que venha a ressaltar algumas alegorias marcantes entre o filme e o projeto. Uma grafia que possa permitir estar junto dos olhos d'água que brotam no sertão, e de suas lágrimas, que buscam na correnteza gerada nos cruzamentos de saberes tradicionais e acadêmicos, um leito seguro que as faça fluir até a foz do rio junto ao mar, sua terceira e derradeira margem desta viagem. E é na foz que pretendemos desaguar a nossa poética voz, versos em poesia como proposição de considerações finais.



Rio de Contas, Taboquinhas. Autor: Edigley Santos de Jesus

Antes de adentrarmos no curso de nossa escrita, torna-se importante salientar que as escolhas dos agricultores, Miguel Bonfim de Souza e Edigley Santos de Jesus, convidados a participar deste texto por meio de suas fotografias e de suas falas gravadas, ou por nós lembradas, deve-se a participação dos mesmos no encontro “O que pode um cotidiano que divaga ao fabular? Com-fabulação... Ex-pressão...”, ocorrido nos dias 02, 03 e 04 de setembro de 2010, na Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Bahia. Assim, esse texto pode parecer orientar-se muito mais ao encontro das colinas de Taboquinhas e ao desencontro do Vale de Javé. Porém, a aposta é que ambos os lugares se façam presentes, e nas vozes e imagens de seus narradores, de seus moradores, desvelem os seus territórios, os seus cotidianos, em um novo devir.

Nascente de gente no sertão

A nascente de todo rio são os olhos d'água. Os olhos d'água de nossa estória são os narradores e moradores de Javé e Taboquinhas. Em comum, a comunidade de Javé, e a região do distrito de Taboquinhas na Área de Proteção Ambiental Itacaré - Serra Grande/BA, pensando as comunidades de São Gonçalo e Prainhas/Cuiudos, são comunidades rurais de *homens do tempo lento*, gente de pouco ou nenhum letramento, que fazem no tempo de sol a sol a vida do dia a dia.

De um lado, o que nós chamamos de tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas. E essa contabilidade do tempo vivido dos homens, empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. Não há, pois, tempos absolutos. E, na verdade, os ‘tempos intermediários’ temperam o rigor das expressões tempo rápido e tempo lento (SANTOS, 2002, p. 267).

Esses homens do tempo de uma Bahia de todos e tantos Santos são aqui fotografados pelo jovem agricultor Edigley Santos de Jesus, que sonha transpor a barragem das estruturas das políticas sociais e econômicas para chegar ao mar da Educação; seu sonho é cursar uma faculdade.



Agricultores, Taboquinhas.
Autor: Edigley Santos de Jesus

Caros leitores e leitoras, chegando à Bahia, conclame os baianos, pois ninguém melhor para falar de sua própria gente que os da terra, e, visitando São Gonçalo, dê conversa a Miguel, cujo sobrenome é Bonfim, outro daqueles dos mais baianos e bonitos que se ouve nesses sertões. Bonfim é “nome, sobrenome e pronome” (no dito de Antonio Biá de *Narradores de Javé*), do senhor pai dele e de outros tantos desta Bahia⁴. Miguel é outro dos agricultores que fotografou sobre o cotidiano desses *homens do tempo lento*, daqueles que brotam da terra e se voltam a ela, e que se devotam a fabular os segredos dos saberes de seus ancestrais, na busca de fusão entre o tradicional e o moderno, num tempo em que a vida se defronta com os desafios impostos pela globalização.

⁴ Manoel Bonfim é o nome do pai de Miguel, porém, na região ele é conhecido como Bonfim ou Sr. Bonfim. Ancião de uma simpatia musical contagiante (assovia como quem canta, e assim os males espanta).

A diferença entre Edigley e Miguel – para além da idade, o primeiro perto dos vinte anos e o segundo já para além dos cinquenta – é que, para Edigley, o seu sonho de mar está fora de onde habita, enquanto que, para Miguel, o sonho é fazer o mar chegar até sua porteira. Uma de suas tantas ideias é fazer do seu depósito de insumos agrícolas, que se encontra embaixo da barcaça de secar o cacau, um espaço para receber pessoas “pra prostrar”, dentre elas as da universidade.



Auto-retrato, Taboquinhas.
Autor: Edigley Santos de Jesus



Miguel Bonfim de Souza, Uefs – Feira de Santana. Autor: Edigley Santos de Jesus

Para quem não conhece esses agricultores, os dois são puras simpatias, enquanto Edigley é uma simpatia calada, Miguel é uma simpatia falante, ou melhor, uma simpatia auto-falante.

E de tanto falar de Edigley e Miguel, vamos contar um “causo” que aconteceu na sala única de uma escola situada numa das esquinas de uma quase encruzilhada, daquelas que vale a pena parar para ver o mundo e o tempo passarem, cada qual em sua abertura, em sua velocidade, em sua imagem. Foi no interior desta sala, dia 11 ensolarado de outubro primaveril do ano eleitoral de 2010, que iniciamos a etapa do projeto “Olhares cotidianos...” para a escolha das fotos dos agricultores e das mulheres, esposas ou não, para o livro a ser publicado⁵. Ficou combinado, de antemão, que os agricultores iriam escolher 10 fotos das 60 pré-selecionadas, de mais ou menos umas 600 que foram produzidas⁶. Pois bem, dessas 60 ficaram 11 fotos. Só que o combinado foi 10, qual seria a foto que eles iriam tirar?

⁵ Um dos resultados do projeto “Olhares Cotidianos...” é a publicação de um livro, onde se apresentará a Certificação Turismo CO2 Neutro e o projeto “Olhares Cotidianos...”, assim como as fotografias registradas pelas famílias de agricultores tradicionais (agricultores, as esposas, e filhos/as) e pelos empresários locais certificados da Área de Proteção Ambiental Itacaré – Serra Grande/BA.

⁶ A pré-seleção das fotos registradas pelos agricultores foi realizada a partir de critérios desenhados pelo pesquisador José de Barros e está relacionada com a metodologia elaborada para o projeto “Olhares Cotidianos ...”, bem como é parte das investigações do pesquisador para obtenção do DEA/Doctorat em Educação Ambiental pela Universitat de Girona, Espanha.

A primeira fotografia a ser questionada, mas de imediato voltada ao grupo das escolhidas, foi a da Igreja Católica de Bom Jesus da Lapa de Taboquinhas, pois o parecer contra, da bancada evangélica, não foi suficiente para a exclusão da foto.



Igreja de Taboquinhas. Autor: Miguel Bonfim de Souza.

Numa segunda investida teriam que optar entre a foto da escola ou do hospital, duas das maiores construções de Taboquinhas privilegiadas com uma das mais belas vistas do centro do povoado e rio de Contas. Estes signos de força e presença do Estado no território revelam necessidades ímpares dos narradores de Taboquinhas. E assim estava posto o problema a todos, escolher entre a escola e o hospital, era como escolher entre a Saúde e a Educação, uma vez que as 9 outras fotos escolhidas eram irremovíveis. Para Miguel, ficou claro que os seus sentimentos para com a família e amigos, o hospital prevaleceu por melhor atender em suas necessidades e as de seus familiares. Enquanto que para Edigley, jovem, sadio e estudante, frequentador do espaço da educação, optou pela foto da escola. O que aconteceu, e que se revelou um dos mais interessantes momentos dessa etapa, é que ambos tomaram suas posições com tamanha convicção e, por terem sido os primeiros a se posicionarem, os demais praticamente se calaram, e quase nada ofereceram de suas reflexões íntimas sobre as fotos.



Valdicélia, a minha irmã. Taboquinhas.
Autor: Edigley Santos de Jesus

Longos instantes se passaram... E dentro deste impasse a bola foi passada para os técnicos – nós, desta escrita – já que os outros agricultores e convidados pareciam estar num banco de reservas, bem acomodados assistindo a partida que estava ficando boa. Foi nesse clima de empate que saímos da função de técnicos e assumimos a função de juízes. Pegamos a bola nas mãos e a colocamos na marca do pênalti para que cada um fizesse seu chute. Outros longos instantes se passaram, mas desta vez surgiram alguns lances rápidos de olhares entre uns e outros, com entremeios de sorrisos e levantares de sobrancelhas, e até se ouvia um ou outro resmungo, mas nada muito altivo e capaz de ser decisivo. Mas antes que cada um dos agricultores e convidados se posicionasse para chutar a bola, lembramos a eles para revermos algumas das fotos que ficaram para trás. Nesta revisão foi resgatada uma fotografia que também poderia concorrer a ser descartada, ficando, então 3 fotos a serem observadas.

Esta outra foto, em especial, trazia um novo elemento ao jogo, pois nela os edifícios se manifestavam como placas no mesmo arco de sinalização, ou seja, a foto continha os nomes e as indicações de onde estão a escola e o hospital. E quando íamos voltar a apresentar as fotos, o agricultor Ivo nos ofereceu uma de suas maravilhosas risadas e de bate pronto chutou a bola e marcou o seu gol. Revelou a todos, em sua maneira ligeira e cantante de falar, que escolheu a foto das placas pela presença de gente e da rua em ladeira... De imediato outros foram intercalando impressões sobre a mesma foto, ficando aprovada a sua escolha para compor o conjunto das 10 escolhidas. Miguel e Edigley, ao final nem esboçaram reação uma vez que eram votos vencidos, mas ficaram igualmente felizes com a escolha, pois a escola e o hospital ainda se encontravam representados na foto, mesmo que em placas.



Hospital, Taboquinhas.
 Autor: Miguel Bonfim de Souza



Escola “Paulo Souto”, Taboquinhas.
 Autor: Miguel Bonfim de Souza



Ladeira, Taboquinhas.
 Autor: Miguel Bonfim de Souza

(...) No processo de produzir imagens e analisá-las, os sujeitos envolvidos olham para si, para o outro, e para seu entorno, num movimento de resignificação do conhecido. O trabalho com as fotografias possibilita relações entre saberes, entre vozes e silêncios: outras explorações com/nas/das imagens, possibilitando um pluri-álgo de conhecimentos, sensações, registros, memórias, divulgação. Sentimentos que nos movimentam pelas imagens e nos colocam a entendê-las como intensivas personagens na contemporaneidade (ANDRADE *et al.*, 2010, p. 2469).

A partir dos olhares cotidianos de Miguel e Edigley, e pelo exercício de escolha participativa das fotografias, ficou evidente que, o que impera entre esses agricultores, esses moradores, esses narradores de Taboquinhas, além do respeito entre si, é que são herdeiros de saberes locais e ambos sabem que sozinhos não chegarão ao mar que pressentem ao longe, mas que recolhendo cada lágrima de cada olho d’água deste sertão a beira-mar, fluindo juntos, formarão um fio d’água até chegarem a ser, com outros fios, um tecido em rio. Mas eles reconhecem que são filhos da terra, de um território e de um cotidiano que se adapta à modernização do campo, mas que não se esquecem de suas estórias, pois marcas de nascença são deixadas para a vida.

Esses agricultores e os demais que participam do projeto “Olhares Cotidianos...” nos fazem refletir que a nascença de um olho d’água, quando seu lagrimar é de pura devoção, se torna um ponto de ebulição futura, e que são nessas fontes que se poderão beber e saciar a sede de saberes tradicionais e mesmo de educação.

Correnteza de natureza humana

O rio que se represou em Javé pode muito bem ser o rio de Contas, de nascente na Chapada Diamantina, que perpassa por Taboquinhas e ganha o mar na fímbria de Itacaré. Miguel Bonfim de Souza nos contou que nestes tempos, não tão remotos, foi realizada uma reunião com a presença da população em geral, de entidades da sociedade civil, e também do poder público local e estadual. Ao que Miguel nos conta, pretendem construir uma barragem no rio de Contas, próxima ao distrito de Taboquinhas, com a intenção de gerar energia, prevendo inundar algumas áreas de comunidades da região. Ao rememorarmos o filme, consta uma placa com parte dos dizeres explicitando: *Programa de Geração de Energia no Estado da Bahia*, e logo abaixo, *Construção da Barragem do Vale de Javé*. Esperamos não encontrar, em um dia desses neste rincão baiano, uma placa na beira da estrada de chão, em letras eletrizantes, anunciando a construção da Barragem de Taboquinhas.

O interessante a refletir, a partir do que Miguel nos conta e do que se apresenta como novo devir ao território, é que os olhares locais das famílias de agricultores tradicionais da região de Taboquinhas se encontram em transição, mas que em sua maioria ainda estão muito mais abertos aos ciclos da natureza em suas estações, cuja velocidade acompanha a espera, a paciência, uma continuidade de dar tempo ao tempo; enquanto que se pensarmos noutro prisma, aos olhares da globalização, dos *homens do tempo rápido*, dos engenheiros de *Narradores de Javé*, quase sempre acelerados pelas necessidades do território adaptar-se a eles, parecem estar orientados pelos ciclos das estações em sua natureza econômica, e as velocidades dos seus olhares seria o mesmo das “novas tecnologias da informação” (CASTELLS, 2000), impensáveis sem as grandes infra-estruturas territoriais, como as barragens geradoras de energia elétrica, que alteram as paisagens e participam na produção de uma racionalidade que intensifica o processo de “alienação do território” (CATAIA, 2003).

Atravessando de margem como se atravessando uma rua de um cruzamento, pulando de esquina, mas ainda na encruzilhada fabulada para esta tentativa de

aproximar pessoas e lugares, avançaremos para refletir sobre as linguagens que chamaram a nossa atenção no filme e no projeto.

Em relação ao filme, propomos a cena de Antonio Biá sob o batente da porta de entrada de sua casa, onde se encontra a escrita: “Proibida a entrada de analfabetos”. Nesta cena debruçamos nosso pensar, nosso pesar, para tentarmos decifrar o que quiseram transmitir no filme, enquanto linguagem, ao nosso mirar, nada subliminar. A escrita no batente não se direciona a população de Javé, em sua maioria analfabeta, uma vez que entrariam pela porta, pois não sabem o significado que as letras, em conjunto de palavras, formam nesta oração.

Esta cena, em forma de carta aberta, foi endereçada aos leitores que compreenderam que o batente da porta de Biá pode muito bem ser o pórtico/batente em letras educadas, de muitas instituições de ensino, que são exclusivas a tantos e inclusivas a outros.

Também nos remete a pensar que Biá não usou uma linguagem apropriada para interagir com o público local, mas a usou para comunicar-se com o seu destinatário mundo para onde as cartas que escrevia eram endereçadas. O mundo de Biá não se encontrava nas estórias fabulosas e nem no povo de Javé. A partir desta reflexão, estando em Javé ou Taboquinhas, ou em qualquer parte desse mundo em sertão, se faz necessário pensar/criar/encontrar linguagens que sejam inteligíveis para cada pessoa, cada comunidade, para cada um/a encontrar o jeito de se expressar, compreender, interpretar e aprender e ensinar no mundo.

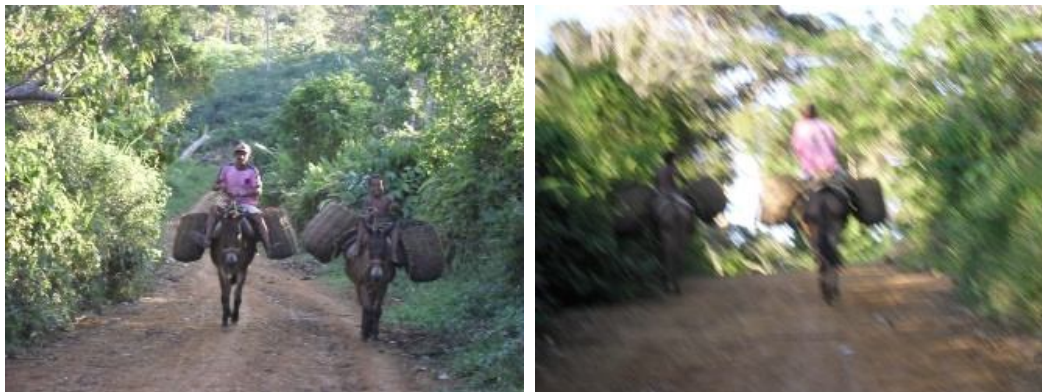
Na busca por uma linguagem inclusiva – que integre academia, equipe técnica da Associação Movimento Mecenias da Vida, empresários locais, agricultores, esposas e companheiras e filhos/as, que permita a cada um e a todos eles se expressarem e, ao mesmo tempo, se compreenderem – o projeto “Olhares Cotidianos...” optou por uma linguagem onde a imagem, ainda que privilegiada, se comunicasse com a escrita e a expressão oral. Buscando incluir, nesse processo de aprendizado, a maior diversidade possível de expressões/opiniões/saberes que ajudem a dar continuidade a esse caminhar traçado pela tecnologia socioambiental Turismo CO₂ Neutro.⁷



Auto-retrato.
Uefs - Feira de Santana.
Autor: Edigley Santos de Jesus

⁷ A Certificação Turismo CO₂ Neutro se apresenta como uma tecnologia socioambiental, entendida como um conjunto de técnicas e procedimentos, associados às formas de organização coletiva, que representam

Por meio da linguagem fotográfica procuraremos convidar o leitor/a a uma experiência para além dos domínios dos registros, uma vez que a “informação visual não se resume na confirmação do óbvio, mas pode ser uma porta de entrada para reflexões renovadas, a partir de indicativos oferecidos por um momento real roubado ao tempo” (HUMBERTO, 2000, p. 41). Ou seja, buscaremos não somente o *sentido óbvio* expresso nas imagens fotográficas, mas também o *sentido obtuso* (BARTHES, 1986).



Agricultor tradicional e seu filho, Taboquinhas. Autor: Edigley Santos de Jesus.

Acreditamos que nas entrelinhas, nos reflexos das escritas imagéticas, expressões em presença de luz e sombra, se encontram escondidas derivações e divagações do aprendizado, e onde se podem perceber muitas das transformações de cada participante no decorrer do projeto.⁸

soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida (JÚNIOR; PEDREIRA, 2004). A Certificação Turismo CO₂ Neutro possui a amplitude do desenvolvimento turístico sustentável, e objetiva transformar a APA Itacaré - Serra Grande/BA num destino modelo de neutralização e redução de carbono, integrando conservação ambiental com desenvolvimento socioeconômico das famílias de agricultores tradicionais. Maiores informações, acesse o site (www.mecenasdavidia.org.br).

⁸ Muitas imagens fotográficas dos agricultores se encontram para além dos domínios orientados nas capacitações do projeto. Foi o fato de darmos a eles liberdade de expressão e de movimentos para fora dos temas propostos que possibilitou uma maior confiança e cumplicidade entre todos os grupos participantes do projeto.

Para que os agricultores trouxessem os seus olhares imagéticos, suas fabulações, nós aprendemos a ouvi-los antes de sermos ouvidos, a sermos tocados antes de tocá-los, chegando à fala de uma língua mais próxima a ambos, sem a exigência de falarmos a mesma língua. E foi pelo uso da fotografia, desta fala que não se cala ao desespero da velocidade e abertura das lentes-mentes, desta luz que seduz o efêmero a ser eterno, que os *logos* tradicionais e acadêmicos compartilharam espaços de diálogos, uns aos olhos do outro, uns nos olhos do outro...



Agricultor Ivo registrando a sua placa de
"Aqui mora um trabalhador do Planeta". Taboquinhas
Autor: Edigley Santos de Jesus



Pedro, Ivo e Gazzo, roçando e fotografando.
Taboquinhas
Autor: Edigley Santos de Jesus.

(...) Aceitar a diferença, o desigual, admitir o dissenso é o primeiro passo para desmascarar estratégias que, em nome de uma pseudodemocratização dos saberes, homogeneiza a cultura e o conhecimento e reprime o que não se coaduna com a racionalidade dominante, definida como a única possível de dar resposta a todas as questões (LOPES, 1999, p. 97).

Foi nos diálogos dos olhares cotidianos, na diversidade de imagens retratadas, que surgiram respostas a questionamentos e questionamentos a respostas, onde o exercício está no respeitar e ser respeitado, uma vez que as escolhas das fotografias para o livro, feita de forma participativa, propiciou um resgate da auto-estima dos agricultores e fortaleceu a prática dos diálogos construtivos não apenas voltados à resolução de problemas, mas de apreensão do território em que habitam e das diversas cotidianidades regionais, propiciando exercitarem princípios de cidadania. Olhar imagens e ressignificá-las dentro de um grupo necessita de um respeito à diversidade e de uma ação cooperativa. O pertencer exige uma inclusão identitária e também uma exclusão egocêntrica; devemos nos unir e separar-nos do meio para favorecer o exercício da alteridade e



Seleção de fotografias com agricultores. Projeto Olhares Cotidianos (...). Taboquinhas.
Autora: Eva Arbat Bau

possibilitar uma relação dialógica entre os sujeitos e o meio ambiente (SILVEIRA; ALVES, 2008, p. 143).

É no interior desta correnteza imagética que nos é permitido dimensionar o rio, “(...) o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 1988, p. 32). O rio de Edigley, de Miguel e tantos outros se orienta pelas margens sinuosas da História e Geografia, do passado e presente deste território, e busca ser caudaloso para chegar a diluir no profundo mar da educação, uma vez que a educação, para esses agricultores, é a terceira margem do rio que formam, um sinônimo de futuro.

E, por fim, buscando a última esquina a encontrar ou desencontrar coisas ou sentimentos, entre o filme e o projeto, se observa em ambos, a marca do livro, e não de qualquer livro, mas um livro com caráter de “ser científico”.

O livro é comumente reconhecido como um ente acadêmico. Para muitos é um dos símbolos máximos da educação, oscilando entre ser sua bandeira ou o mastro que a sustenta. Para o povo de Javé o livro era a possibilidade científica de uma fabulosa salvação, uma espécie de Arca de Noé que os salvaria da inundação, a ser usado para os fins de legitimar a permanência da comunidade e do vale no futuro. Já para muitos dos narradores e moradores de Taboquinhas, a “construção” do livro além de já ter propiciado uma diversão entre eles, acabou por fabular uma embarcação que os transportou a novos horizontes.

O que poderia vir a espantar os participantes da zona rural do projeto “Olhares cotidianos...”, em sua maioria de pouco ou nenhum letramento, está sendo um elemento a encantar a todos, independentemente do mérito do livro ser ou não “científico”. O que os encanta é poder participar com as fotografias e falas de suas vidas e lidas cotidianas na construção de algo que pode se perpetuar. E a nós o encantamento se encontra no sentimento de participarmos a um livro de páginas e esquinas vivas, com suas dobras de vidas expressivas em imagens e grafias, em preto e branco além de coloridas.



Alfabetização de adultos na zona rural. Taboquinhas. Autor: Miguel Bonfim de Souza

Foz em voz poética

Depois de algumas páginas percorridas por este rio de vidas, de letras e palavras, chegamos à foz querida... Nas margens deste rio ou no seu interior profundo encontram-se os retirados e retirantes de Javé, agricultores e amigos de Taboquinhas, seres de pés, braços e traços fortes, que buscam fazer da foz a voz ouvinte em muitos corações e sertões. E a esses seres, fundadores, narradores, moradores de um sertão imaginável ou insonhável para muitos dos nossos leitores, aos fabulosos que se devotaram a compartilhar os seus *logos* e fotografias com a academia, lhes ofertamos estas considerações finais de nossa grafia, em forma de poesia.

olhos d'água ...
 uma lágrima
 no olho nasce
 no rio caminha
 e ao mar chega
 cega é a educação
 que vê nos óculos a visão



Agricultor Pedro no Ríó de Contas. Taboquinhas. Autor: Edigley Santos de Jesus

e que se esquece dos olhos d'água
 que brotam lágrimas em solidão ...

líquidas vidas



Lembrança familiar.
Taboquinhas.
Autor: Miguel Bonfim de Souza

num curso a cursar
num discurso de lidas
pelas margens das histórias
e das geografias per-seguidas
estórias de imagens des-contraídas
de saberes ancestrais
de agricultores tradicionais
em retângulos a *sentimentar* ângulos
óbvios e obtusos
de esquinas imagéticas
em cotidianos de vidas ...

toda lágrima
chega um dia a sua inundação
as lágrimas dos olhos d'água
sem precisão de uma razão
pela gravidade ao rio se dão
e na foz do mar deságuam
se abrindo a uma nova imensidão
lágrimas resgatadas
num livro escrito a várias mãos
de junto ao povo amigo
que brotam lágrimas no sertão...



Experimentando com a câmera fotográfica,
colocando no disparador automático.
Taboquinhas.
Autor: Edigley Santos de Jesus

lagrimar do sertão - José de Barros, verão 2010/2011, Serra Grande/BA.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, E. C. P.; BRITO, L. D.; PINTO FILHO, J. B.; BAU, E. A. (2010) Olhares cotidianos entrelaçando saberes, culturas, bio-logias através da fotografia. *Revista da SBEnBio*, n. 03, pp. 2467- 2476.
- BARTHES, R. (1986) *Lo obvio y lo obtuso. Imágenes, gestos, voces*. Barcelona, Editora Paidós.

- CASTELLS, M. (1999) *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, v. I.
- CATAIA, M. A. (2003) Alienação dos territórios frente aos processos da globalização econômica. In: *Anais do 3º EGAL*, México.
- HUMBERTO, L. (2000) *Fotografia, a poética do banal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- JUNIOR, A. E. L.; PEDREIRA, S. J. (2004) Tecnologias sociais e políticas públicas. In: *Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: FBB.
- LOPES, A. C. (1999) *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- ROSA, J. G. (1988) *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- SANTOS, M. (2002) *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: EDUSP.
- SILVEIRA L. S. da; ALVES, J. V. (2008) O uso da fotografia na educação ambiental: tecendo considerações. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 3, n. 2, pp. 125-146.

Filmografia

Narradores de Javé (2003), Direção de Eliana Caffé. 102 min., sonoro/colorido, Brasil: Lumiere/ Vídeosfilmes.

Data de Recebimento: 07/03/11

Data de Aprovação: 03/06/11

Para citar essa obra:

FILHO, José de Barros Pinto; BAÚ, Eva Arbat; SILVEIRA, Tiago Tombini da. Dos olhos aos olhares, de Javé a Taboquinhas, uma mesma Bahia a fabular imagens na busca por escrever livros e perpetuar memórias. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>